

Estratégias de Sobrevivência dos Agricultores na Atenas Clássica

André Leonardo Chevitaresh

Abstract

Geographical information applied to the ancient Greek world, in general, and to the classical Athens, in particular, is rarely found in published articles and / or books. Nevertheless, when it is available, the researcher's concern in relating it with the facts given by earlier authors is not observed. This article tries to analyse the available information about the weather and the rain-fall in Greece, relating them to the ancient Greek author's given information. The next step, with this set of facts, will be to verify what kind of strategy (or strategies) the Attic farmer adopted to surmount the great number of daily obstacles to ensure his survival.

1. Clima e Pluviosidade na Grécia

Buscar-se-á analisar, de imediato, de que maneira o clima e o regime pluviométrico na Grécia interferem na ocupação e exploração do território grego.

Pode parecer estranha, à primeira vista, uma proposta de discussão envolvendo dois objetos praticamente ignorados pela documentação antiga. Deve ser observado, contudo, que tal proposição não invalida a premissa sustentada por uma parte significativa dos especialistas contemporâneos de que não teria ocorrido uma mudança climática entre o período clássico e a atual Grécia, muito embora, não haja métodos disponíveis, nos dias atuais, para confirmar de forma tão categórica esta posição (BRUMFIELD, 1981: 3, 8, 12-14, 44; RACKHAM, 1991: 88 e nota 10; SNODGRASS, 1987: 72; SALLARES, 1991: 391 ss.; AMOURETTI, 1986: 22-24; para a ausência de métodos modernos, ver: ISAGER e SKYDSGAARD, 1992: 11 ss.).

Uma análise envolvendo dados sobre o clima mediterrâneo ajuda a compreender, em parte, as dificuldades que as *póleis* enfrentaram na área da produção agrícola. Estas informações permitem a construção de quadros comparativos envolvendo regiões distintas do mundo antigo grego. Duas importantes observações, no entanto, devem estar presentes no momento de se analisarem tais quadros. Primeira, os dados estatísticos relativos aos índices de precipitação nas diferentes regiões que compunham o mundo antigo grego apresentam variações temporais significativas. A segunda observação diz respeito ao fato das variações pluviométricas cobrirem, na maioria das vezes, períodos anuais, enquanto que a produção de cereais e hortaliças, por exemplo, variar segundo padrões mensais. As duas questões revelam a necessidade de muita cautela no momento de se analisar as informações obtidas.

A Grécia, localizada entre os paralelos 34 e 42 norte, é um país basicamente montanhoso, com 80% do seu território inseridos neste tipo de terreno (MAFFRE, 1989: 20; SIGNE e SKYDSGAARD, 1992: 17). Este dado sugere, de imediato, que se a agricultura representa a base da sociedade grega, por um lado, a própria natureza do solo pedregoso e a falta de grandes áreas apropriadas afetarão materialmente o seu desenvolvimento, por outro.

Este país está localizado no interior do clima mediterrâneo que, em termos gerais, é apresentado pelos geógrafos com as seguintes características: a maior parte das chuvas concentra-se no inverno e a seca, mais ou menos completa, prevalece no verão. O inverno, além de chuvoso, apresenta temperaturas amenas. Em contrapartida, o verão é muito quente e seco, com a ausência quase que completa de nuvens (KENDREW, 1961: 348-49; ANDREWS, 1984: 6). Esta definição não considera as inúmeras variações climáticas existentes entre as suas diferentes regiões. Sallares (1991: 390) chega mesmo a sugerir que é melhor definir o clima mediterrâneo em termos de variáveis puramente climáticas, já que internamente este tipo de clima apresenta diferenciações significativas (RACKHAM, 1991: 88-89; AMOURETTI, 1986: 18). As irregularidades topográficas, no interior do Mediterrâneo, provocam grandes diferenças regionais e locais na pluviosidade (TREWARTH, 1962: 236; KENDREW, 1961: 365). Estas variações revelam, como observou Peter Garnsey (1988: 9), a partir das análises estabelecidas por Le Houérou, a existência de 64 sub-tipos climáticos ao longo da bacia do Mediterrâneo. A pluviosidade se torna, desta forma, muito variável, desigualmente distribuída ao longo das estações e freqüentemente em quantidade muito pequena, especialmente no setor sul e leste do Mediterrâneo.

A península balcânica apresenta todas as características referidas acima (BRULÉ, 1994: 75). Kendrew (1961: 375-377) dividiu-a em seis regiões básicas. Para os nossos propósitos, entretanto, apenas as cinco primeiras delas nos interessam:

1ª) Costa ocidental tem um clima mediterrâneo muito chuvoso, porém com invernos amenos. Esta área está sujeita à visita do bóreas;

2ª) Esta região, localizada também na parte ocidental da península, tem um clima mediterrâneo muito favorável, mais quente do que na costa dalmática, especialmente no inverno quando a temperatura média é em alguns lugares 10°C mais alta. Não há contudo o vento bóreas;

3ª) Esta zona está situada na costa oriental. A sua pluviosidade é consideravelmente menor, 508 a 762 mm por ano. Observa-se que esta área apresenta, junto com a parte oriental da Península Ibérica, menos dias chuvosos que o lado ocidental (TREWARTH, 1962: 236). A terra é seca e coberta de pó durante os meses de verão. Os invernos são muito mais frios — a temperatura média em janeiro em Atenas é de 8,9°C, enquanto que em Zachyntus (moderna Zante) é de 11,7°C — e nas bacias cercadas a uma distância do mar ocorrem geadas cortantes, podendo a temperatura chegar à casa de menos 17,8°C, como é recordado para a Tessália. Nas costas do Peloponeso, porém, a geada é muito rara;

4ª) A costa norte do Egeu tem um clima mediterrâneo e a oliveira é uma árvore comum (KENDREW, 1961: 349). O clima frio e a apreciável pluviosidade no verão caracterizam-na, porém, como uma região separada. Na maioria das noites de janeiro, o termômetro registra 0°C. Na Macedônia e na Trácia, a temperatura máxima pode ser ocasionalmente inferior a 0°C. Uma boa quantidade de neve cai na área;

5ª) Esta região apresenta um clima de transição entre o mediterrâneo e as estepes. A maior parte das chuvas localiza-se no inverno, como nas terras mediterrâneas, mas o ermo vento norte das estepes da Rússia torna a temperatura muito baixa, impedindo a flora típica do mediterrâneo; a oliveira não floresce. As planícies ao norte são as mais frias. Istambul é um pouco mais quente graças à sua posição peninsular, muito embora a neve caia, em média, 18 dias por ano.

Podem-se evidenciar, através da construção de quadros comparativos, as diferenças existentes nos índices pluviométricos no interior das quatro áreas que constituem parte da península balcânica (ver *Tabela I*), mencionadas acima. Estas variações constituem um dos importantes aspectos para o desenvolvimento da agricultura na região.

Tabela I — Precipitação (em mm)

Período (anos)	Região	Altitude (metro)	MESES												Precipitação Anual
			J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	
56	Corfú	32	160	135	99	74	46	23	5	20	76	170	185	216	1209
70	Atenas	107	56	38	36	20	20	15	5	10	15	43	71	69	399
19	Salônica	39	37	38	41	48	58	43	23	30	41	59	69	58	546
18	Istambul	47	94	58	66	48	36	33	43	38	58	96	104	124	800

Deve ser observado, de imediato, que se o autor, por um lado, não especifica quais foram os anos trabalhados, por outro, ele proporciona um quadro com as variações mensais pluviométricas das quatro regiões. Este último dado é de extrema importância, principalmente, no que diz respeito à Atenas, já que a maior parte das suas colheitas era sazonal. Devemos retornar, posteriormente, a esta questão.

As quatro regiões analisadas acima apresentam os menores índices de precipitação durante os meses de inverno. Enquanto Corfu, Atenas e Istambul mostram taxas decrescentes entre os meses de dezembro a maio, Salônica demonstra uma situação inversa. De agosto até novembro, as quatro áreas apresentam um aumento nos índices de precipitação. Deve ser observado, contudo, que enquanto Istambul apresenta o mais elevado índice de pluviosidade nos três meses de inverno, Corfu apresenta, em termos anuais, as maiores taxas de precipitação. Das quatro regiões analisadas acima, Atenas é aquela que apresenta os piores índices pluviométricos. Faltam-nos dados sobre o tipo e a qualidade do solo de Corfu, de Salônica e de Istambul, como também a capacidade de armazenagem da água da chuva, desenvolvida pelos habitantes destas três regiões, para fins agrícolas. Em termos gerais, no entanto, estas variações regionais nas taxas de precipitação representam possibilidades diferenciadas de obtenção de produtos agrícolas no interior da península balcânica.

Peter Garnsey, um dos especialistas que mais tem trabalhado com informações advindas da climatologia, propôs uma série de dados sobre a variação pluviométrica em diferentes regiões do mundo grego. Garsney (1989: 10, incluindo nota 3) e Osborne (1987: 33) sugerem alterações significativas nos índices de precipitação, afetando profundamente a produção agrícola nas áreas analisadas. Considerando a necessidade de 200 mm de chuva ao ano para que possa haver a produção da cevada, de 300 mm de precipitação para que haja a produção do trigo e 400 mm de chuva, no mínimo, para que os legumes possam vingar, Garsney analisa os efeitos da variação nos índices pluviométricos e as suas implicações na pro-

dução agrícola na cidade de Odessa, localizada na costa norte do mar Negro, região tradicionalmente exportadora de cereais na antiguidade grega. Ele propõe um longo período temporal de análise. Em 46 dos 100 anos analisados em Odessa, a colheita de trigo ficou seriamente comprometida, enquanto que houve uma quebra na produção de cevada em 15-16 anos em 100. Significa dizer, com relação ao trigo, que para cada ano bom de produção, houve um ano ruim, implicando a necessidade de importar ou de lançar mão dos estoques acumulados durante os anos de boa colheita. Sobre a cevada, a cada seis ou sete anos houve uma quebra na produção, sendo necessário recorrer às reservas estocadas ou mesmo importar o referido cereal.

Peter Garnsey (1989: 9, 11-12, 17) observa ainda, a partir dos dados propostos acima, duas importantes questões: primeira, as flutuações das colheitas são (e eram) regulares, assim como os seus fracassos são (e eram) inevitáveis, embora não precisamente profetizáveis, ao longo de toda a bacia mediterrânea, em termos gerais, e da península balcânica, em termos específicos. Segunda questão, aquelas *póleis* gregas, tradicionais exportadoras de grandes quantidades de trigo em bases regulares para as cidades-Estados do Egeu, não comercializavam, necessariamente, cereais produzidos em seus próprios territórios.

Constatam-se, desta forma, as inúmeras dificuldades que as *póleis* deveriam enfrentar na área da produção agrícola. Elas seriam o resultado das significativas variações mensais e anuais pluviométricas, implicando perdas consideráveis aos agricultores áticos. Estas dificuldades estariam associadas, também, à própria composição geológica da Grécia, caracterizada por terrenos pedregosos e falta de grandes áreas apropriadas para o perfeito desenvolvimento da agricultura, resultando na adoção de estratégias agrícolas diferenciadas pelos agricultores gregos.

2. O Clima e o Solo Áticos nos Textos Antigos

Enquanto que no item acima houve uma preocupação em estabelecer os possíveis problemas que o clima e a pluviosidade provocaram na agricultura antiga grega, é hora de verificar como estas dificuldades foram percebidas, ao nível dos textos antigos, na Atenas clássica e qual a possível relação entre as diferentes respostas e as maneiras de ocupar e explorar o espaço rural ático.

Há poucos exemplos relativos ao clima e ao solo da *khóra* ateniense nos séculos V e IV a.C. Eles são relativamente curtos, apresentam diferenças sobre o mesmo objeto analisado e, particularmente, em um destes relatos, constata-se uma falha possivelmente associada aos copistas.

Encontramos, com relação ao clima, três relatos diretos e um indireto entre os autores antigos. A primeira descrição está contida em Teofrasto (*Os Caracteres* 1, 1). Ela se caracteriza por ser muito curta e extremamente geral. De acordo com o autor: "(...) a Grécia possui um único clima (...)".

As autoras responsáveis pela tradução da referida obra para o português, observam, a partir de Navarre, um comentador francês, que tal afirmação constitui-se numa verdadeira heresia, dadas as diferenças geográficas e culturais tão notórias no mundo grego (MALHADAS e SARIAN, 1978: 18). Sendo o referido autor um discípulo muito próximo de Aristóteles, responsável, inclusive, pelo estabelecimento da escola Peripatética ou Liceu (EASTERLING e KNOX, 1989: 129), dificilmente um erro tão primário quanto aquele observado acima poderá ser atribuído a ele, já que, como será observado mais adiante, tal afirmação é completamente oposta ao pensamento do seu mestre. Pode ser admitido, neste caso, uma possível falha do copista no momento de recopiar o referido documento.

O segundo relato vem de Aristóteles. Da mesma forma que o de Teofrasto, a observação que este filósofo faz sobre o clima tem um caráter geral. O referido autor, ao analisar a origem e a formação dos ventos, constata que os efeitos da evaporação (*ἀναθυμιάω*) podem interferir no clima, fazendo com que haja anos mais chuvosos e úmidos, por um lado, e anos ventosos e secos, por outro. Esta observação traz uma interessante característica, segundo Aristóteles (*Meteorologias* 360b 5-12):

"Algumas vezes acontece que as secas e as chuvas tocam toda a extensão de um país, outras vezes elas se limitam a certas partes. Frequentemente a região, como um todo, recebe as chuvas sazonais ou mais, enquanto que em uma outra parte deste território há seca. Algumas vezes é o oposto, e o país geralmente tem ou pouca chuva ou condições de seca, enquanto que em uma dada seção deste território há água abundante."

Apesar de não especificar o território analisado, pode-se supor que se trata da península balcânica, tendo em vista as enormes variações pluviométricas observadas pelo autor. Esta análise de Aristóteles se encaixa perfeitamente nas características do denominado clima mediterrâneo, isto é, ela aponta para significativas flutuações nos índices pluviométricos de uma dada região. A referida citação parece ser reflexo da própria constatação que Aristóteles faz da vida cotidiana grega. Neste caso, aquela posição contida na obra de Teofrasto, de que a Grécia teria um clima único, deve ser atribuída a um possível erro do copista, tendo em vista que o próprio dia a dia grego revelava um quadro totalmente oposto.

A terceira observação sobre o clima está diretamente ligada à *pólis* ateniense. Ela se encontra no opúsculo de Xenofonte denominado *As Rendas* (1,3). O autor, interessado em mostrar as enormes potencialidades da Ática e como elas podem proporcionar os meios necessários para Atenas superar as dificuldades pelas quais está passando, toma como ponto de partida da sua análise o clima ático:

"A extrema suavidade das estações aqui é mostrada pelos seus próprios produtos. Plantas que em muitos lugares não poderiam germinar, aqui frutificam. (...) Nota-se também que as coisas boas que os deuses enviam nas estações, todas chegam mais cedo aqui e vão embora mais tarde do que em outros lugares."

O autor procura mostrar a regularidade das estações, a boa qualidade do solo ático e os inúmeros produtos agrícolas produzidos na *pólis* ateniense. Ele observa também o quanto os deuses são propícios com a sua terra natal, enviando tudo o que existe de bom em cada estação para os seus concidadãos. Como iremos ver mais tarde, o território ático apresenta uma agricultura dinâmica, produzindo uma parcela significativa dos cereais que o corpo cívico consumia. A referida citação apresenta, no entanto, um elogio exacerbado da *khóra* ateniense, deixando de fora os inúmeros problemas causados pelas violentas variações anuais (e mensais) nos índices pluviométricos. Ela também não especifica quais seriam aqueles produtos agrícolas que apenas a Ática produziria. Enfim, apesar de Xenofonte conhecer profundamente as características do clima ático, a julgar pelas informações sobre a agricultura no *Econômico*, tal objeto não despertou maiores interesses no autor do que estas poucas linhas esboçadas acima.

O relato indireto associado ao clima está presente na comédia de Aristófanes intitulada *As Nuvens* (vv. 1114-1130). Trata-se de uma passagem relativamente longa, porém, extremamente significativa, já que vincula a presença das nuvens com as chuvas tão necessárias, porém, muitas vezes, tão ameaçadoras à vida da *pólis* ateniense.

"Agora, nós desejamos dizer aos juizes todos os proveitos que eles ganharão se derem a este Coro o prêmio que é de justiça. Primeiro, sempre que na estação vós fordes, com prazer, renovar os vossos campos, todo o mundo deverá ficar expectante até que nós derramemos nossa chuva em vós. Depois, protegeremos vossas colheitas e vinhas, para que não sofram nem seca, nem excesso de chuva. Mas se alguém entre vós ousar tratar nossas reivindicações com desdém, ele mortal e as Nuvens imortais, melhor que nem tivesse nascido! De seus campos ele não colherá nem grãos, nem azeite, nem vinho, pois, quando as oliveiras e as vinhas começarem a brotar, nossas fundas as ferirão de tal modo, que serão destruídas. Se o virmos

fazendo tijolos, choveremos e faremos em pedaços as telhas de seus tetos com granizos redondos. E se algum dia se casar, ele, um seu parente, ou amigo, choveremos a noite toda, de sorte que teria preferido estar no Egito a ter julgado mal este concurso."

Observa-se, através desta longa citação, o importante papel que a chuva desempenha numa comunidade eminentemente agrícola. Os camponeses áticos a esperavam com muita ansiedade.¹ Como o comediógrafo deixa transparecer, no entanto, as chuvas em excesso acarretariam sérios problemas à *pólis* ateniense, provocando pesadas perdas à produção agrícola e danos consideráveis às habitações. O fato de Aristófanes associar as nuvens como deusas em sua peça (vv. 252, 365, 423-24), neste sentido, não deve ser encarado como uma simples brincadeira cômica (BRULÉ, 1994: 77). Esta associação está diretamente ligada, como será visto posteriormente, com o fato de Atenas estar situada em uma região da Grécia que convive com um problema muito sério de falta de água, principalmente nos meses de verão, quando são registrados índices pluviométricos extremamente baixos, comparados, inclusive, com algumas regiões do deserto do Saara (RACKHAM, 1991: 88). As nuvens representam, portanto, a esperança dos camponeses áticos em obter uma boa colheita. É por isto que elas são vistas na comédia como benéficas à *pólis* (ARISTÓFANES. *As Nuvens* 577-578) e muito apreciadas pelos atenienses (*Ibid.* 269), já que são portadoras das chuvas (*Ibid.* 299-300, 367-371).

Quanto à caracterização do solo ático, identificamos apenas duas passagens nos textos antigos. Elas são radicalmente opostas. A primeira delas é extremamente curta e está contida bem no início da narrativa de Tucídides (*Guerra do Peloponeso* 1.2,5): "*A Ática, sem dúvida, esteve livre das lutas internas devido à aridez do seu solo.*"

Esta afirmação se localiza nos tempos inmemoráveis de Atenas e é decorrência direta da comparação que o referido historiador faz entre as regiões da Beócia, Tessália e o sul do Peloponeso e a Ática. De acordo com Tucídides (*Ibid.* 1.2,2-4), as três primeiras áreas mencionadas estavam localizadas em regiões extremamente férteis, sendo objeto, inclusive, de guerras internas e mudanças contínuas de habitantes. Devemos observar, contudo, que se a Ática não possuía um solo tão bom quanto o das três áreas citadas, isto não o tornava ruim ou impróprio para a prática agrícola como um todo (OBER, 1985: 20).

A segunda passagem está na obra de Platão denominada *Crítias* (110e-111a). Da mesma forma que a de Tucídides, ela também se refere a um período temporal muito distante. Após caracterizar as fronteiras de Atenas, o referido filósofo descreve as potencialidades da sua *khóra*:

"(...) todas as outras terras eram ultrapassadas pela nossa em fertilidade do solo, de modo que ela era verdadeiramente capaz de alimentar, naquele período, um grande exército, o qual estava isento dos trabalhos do campo. Sobre a qualidade desta terra, eis uma prova cabal: o que restou do nosso solo rivaliza com qualquer outro seja por sua produtividade e abundância de colheitas ou pela rica pastagem, apropriada para qualquer tipo de animal de criação; e, naquele tempo, em decorrência da sua ótima qualidade, ele produzia estas coisas em vasta quantidade (...)."

Ao contrário de Tucídides, que classifica o solo ático como sendo árido (para um posição muito parecida (ver MENANDRO. *Discolos* vv. 603-606), mesmo admitindo que esta posição seja em decorrência de uma comparação feita com outras áreas da Grécia, Platão observa que o território ateniense era extremamente fértil, não havendo nenhum outro que pudesse rivalizar com ele. A sua qualidade estava tanto ao nível da produção de alimentos agrícolas, quanto ao nível das áreas reservadas à pastagem. Como decorrência destes fatores, a Ática era capaz de alimentar um grande exército. Esta pequena referência carrega certa dose de exagero, tendo em vista as profundas diferenças entre o potencial agrícola e a qualidade do solo da Atenas do período histórico, particularmente, da época clássica, como será observado posteriormente, e daquela situada em uma época tão distante.

Ainda em *Crítias* (111a-e), continuando a citação feita acima, encontramos uma outra interessante passagem relacionada com as mudanças na paisagem do território ático. Platão oferece o seguinte relato:

"Conseqüentemente, depois que grandes cataclismos aconteceram ao longo dos 9.000 anos, o solo [fértil], em constante mudança, foi desaparecendo das terras altas durante este período, não deixando, como em outras partes, sedimentos notáveis, senão que, correndo sempre, acabou por desaparecer de maneira profunda. E, tal como acontece nas pequenas ilhas, o que existe hoje, quando comparado com o que havia, não passa de um esqueleto de um homem doente. As partes férteis e brandas da terra foram desenhando, restando apenas uma estrutura estéril (...). [A Ática] tinha muita floresta em suas montanhas, das quais, há sinais visíveis atualmente. Hoje em dia, no entanto, algumas delas não podem alimentar mais do que abelhas. Não faz muito tempo, porém, elas possuíam enormes árvores, aptas para levantar as maiores construções, cujos revestimentos ainda existem (...). Além disto, [o país] era enriquecido pelas chuvas anuais de Zeus, as quais não corriam em vão, como agora, para irem se perder no mar pela terra estéril. A terra tinha água em suas enranhas e recebia do céu uma quantidade que ela deixava de reserva naqueles leitos que a argila havia feito impermeáveis (...). A água se fazia presente em todas as partes, suprimindo as fontes e os rios. Com relação a todos estes fatos, os santuários que

em nossos dias subsistem em honra das antigas fontes são sinais que atestam que a nossa descrição é verdadeira. Tal era, então, a condição natural do país. Ele estava cultivado, como convém, por verdadeiros agricultores, realmente consagrados ao cultivo e ao trabalho da terra, amigos do belo, dotados de um bem natural, tendo à sua disposição excelentes terras e água abundante e, acima da terra, um clima com estações muito alegremente temperadas."

Esta longa citação deixa transparecer importantes questões. Platão continua a estabelecer comparações entre os tempos imemorráveis e o período histórico, este último coincidindo com a sua própria época. De imediato, porém, a sua narrativa não prova que o solo ático no quarto século estivesse exausto ou mesmo impróprio para a agricultura. Ele observa que a natureza e a qualidade do solo ático sofreram profundas modificações com o passar dos anos, implicando no desaparecimento das terras de excelente capacidade produtiva. Platão chega mesmo a comparar o solo ático com o das pequenas ilhas (possivelmente das Cíclades), algumas das quais, inclusive, caracterizadas por simples penhascos desprovidos de toda espécie de terra vegetal. Deve ser observado, também, que nos tempos imemorráveis, em contraposição à sua época, as estações eram bem temperadas e a terra, de excelente qualidade, era dotada com enorme capacidade de absorção das águas pluviais, proporcionando a toda *khóra* fontes, rios e águas abundantes para o pleno desenvolvimento da agricultura. Esta última questão pode estar diretamente relacionada com um problema bastante conhecido por Platão, qual seja, a falta de água na Ática, afetando significativamente a produção agrícola.

Partindo da longa citação apresentada mais acima, alguns especialistas contemporâneos tentam explicar, através de argumentos ecológicos, os motivos para uma mudança tão radical do solo e do clima da Ática. Eles atribuem à derrubada das florestas a responsabilidade por estas profundas mudanças climáticas e geológicas mencionadas por Platão (WEEBER, 1991: 11-28). Snodgrass (1987: 71-72) e Brulé (1994: 77-79), baseando-se nas análises propostas por Rackham, observam que estes argumentos estão equivocados porque eles são fruto de interpretação errônea da passagem de *Critias*. Eles constatam que o que Platão na verdade descreve é a seqüência inversa, isto é, uma inexorável e aparentemente natural desnudação ou erosão dos solos das montanhas da Ática, a qual alternadamente causava o desflorestamento pela perda das raízes das árvores.

Verifica-se, portanto, que os efeitos do clima e das violentas variações mensais e anuais pluviométrica eram conhecidos pelos textos antigos. Podemos pensar que este conhecimento não estava restrito à elite

intelectual e econômica, mas, que ele seria de conhecimento de todos os atenienses. Os agricultores já trabalhariam com a expectativa, sempre muito real, de uma possível perda da sua produção agrícola. Diante deste problema, observar-se-á, a seguir, que uma reduzida parcela do corpo cívico, particularmente, os proprietários fundiários absenteístas, implementou uma importante estratégia de ocupação e exploração da *khóra* ática.

3. Caracterização do Território Ático e a sua relação com a Agricultura

Considerando o impacto causado pelas violentas variações pluviométricas mensais e anuais na agricultura ática, buscaremos analisar uma importante estratégia adotada pelos agricultores áticos, em particular, os grandes proprietários fundiários, para suavizar os riscos das perdas agrícolas. As suas terras estarão fragmentadas ao longo do território, ocupando e explorando, especialmente, as melhores áreas para o desenvolvimento da agricultura na *khóra* ática. Esta estratégia, embora reconhecida por todos os agricultores como excelente ou ideal, só será implementada por um número muito reduzido deles.

Atenas apresenta muitas das características apontadas mais acima (item 2), principalmente quando se observa que uma boa parte do seu território está coberto por montanhas e que existem significativas variações nos índices pluviométricos entre suas diferentes regiões. Deve ser acrescentado, ainda, que Atenas apresenta um dos mais baixos índices de precipitação de toda a península balcânica (ver acima *tabela 1*; BRULÉ, 1994: 75), sendo classificada, juntamente com as ilhas e o Golfo Sarônico, como a zona mais árida da Grécia (GARNSEY, 1989: 105; SKYDSGARRD, 1988: 82; ISAGER e SKYDSGAARD, 1992: 11).

Com uma área estimada em 2600 km², incluindo aí as regiões de Oropos e Eleutherai, já que estiveram submetidas ao controle dos atenienses durante a maior parte do período clássico (sobre Oropos, como região de disputa entre Atenas e a Beócia, ver: TUCÍDIDES. *Guerra do Peloponeso* 4,91, 8.60,1-2, PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia* 1.34,1; como pertencente a Atenas, ver: TUCÍDIDES. *Guerra do Peloponeso* 2.23,3, 3.91,3, 4.96,7, XENOFONTE. *As Helênicas* 7.4,1, DIODORO DA SICÍLIA. *Biblioteca de História* 15.76,1, 12.65,3, 12.70,4; sobre Eleutherai, estando sob o controle de Atenas, ver: XENOFONTE. *As Helênicas* 5.4,1; PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia* 1.38,8), Atenas apresenta mais de 1000 km² da sua superfície cobertos por montanhas. As principais seriam o Parnes, o Aigaleos, o Himeto, o Pentélico e o Laureotike. De acordo

com Jardé (1979: 183), os atenienses souberam explorá-las, obtendo vários tipos de recursos. Dos seus cumes, eles extraíam as madeiras utilizadas como lenha ou em construções. As encostas inferiores, cobertas com uma vegetação rasteira, serviam como pastos para os rebanhos de carneiros e cabras. Havia, em praticamente todas as montanhas, a exploração de pedreiras, proporcionando materiais de construção para diferentes fins.

As montanhas fracionam o território ateniense em compartimentos distintos. Encontram-se, entre elas, três grandes planícies: a Ateniense, localizada entre o Aegaleos, o Parnes e o Pentélico, possui cerca de 135 km²; a Mesogéia, situada entre o Pentélico, o Himeto e o Laureotike, com aproximadamente 72 km²; a Thriasia ou Eleusina, limitada pelo Citerão e o Aegaleos, com cerca de 95 km². Há outras planícies e vales menores, tais como as planícies de Maratona (em torno de 15 km²), de Skóurta (com aproximadamente 28 km²) e de Mazi e o vale de Koundoura (JARDÉ, 1979: 53, 184; OBER, 1985: 20; LONIS, 1994:127; BRULÉ, 1994: 81). Ober (1985: 20) estima que o total de área arável da Ática na Antigüidade variava provavelmente entre 140.000 e 200.000 acres ou 566 a 809 km².

Além dos recursos advindos das montanhas e planícies, a Ática detinha importantes minas de prata em seu território. Como observou Finley (1985: 28-29), estes recursos desempenharam um papel chave na política de expansão naval ateniense, fazendo com que esta *pólis* tivesse, num primeiro momento, uma participação decisiva nas Guerras Médicas e, posteriormente, pudesse organizar o seu Império marítimo (PLUTARCO. *Temístocles* 4.1). A prata foi também responsável por garantir o pagamento dos cereais importados anualmente por Atenas (OBER, 1985: 28-30; SALLARES, 1991: 57-58; GARNSEY, 1989: 79-80). Deve ser observado, a propósito, que o abastecimento de cereais representava uma questão muito delicada na estrutura política e social interna de Atenas. Com efeito, uma das quatro assembléias ocorridas em cada prítania, denominada de principal (κυρία ἐκκλησία), conforme observou Pseudo-Aristóteles, tinha como ponto obrigatório da sua pauta, entre outros assuntos, a questão que envolvia o abastecimento do país (περὶ σίτου τῆς χώρας). Além disso, como salientou Hansen (1983: 15; GLOTZ, 1980: 127-149), esta κυρία ἐκκλησία era a reunião com o maior número de cidadãos participantes (PSEUDO-ARISTÓTELES. *Constituição de Atenas* 43, 3-4).

Sob o aspecto das variações pluviométricas, seria extremamente oportuno estabelecer relações comparativas entre a Ática e algumas regiões da península balcânica, por um lado, e, no interior da própria *khóra* ateniense, entre as suas áreas integrantes, por outro. Este procedimento será de grande valia, já que proporcionará a visualização dos enormes fracassos

agrícolas a que estavam sujeitos os camponeses áticos durante o período clássico.

Peter Garnsey estabelece um importante quadro comparativo sobre as variações pluviométricas ocorridas em quatro diferentes áreas da península balcânica. Estas áreas seriam: Ática, Odessa, Tessália e Samos. A primeira região mencionada é considerada como tradicional importadora de grãos, a segunda e a terceira áreas seriam recordadas como exportadoras de cereais na Antigüidade, enquanto que a última poderia ser classificada como sendo uma região típica, isto é, em dados momentos apresenta modestos excedentes de produção, em outros convive com faltas de grãos. O período temporal analisado pelo autor irá variar significativamente. Para a Ática, Garnsey considera a precipitação referente aos meses de outubro a maio entre os anos de 1931 a 1960. Os dados referentes às regiões da Tessália e à ilha de Samos não estão restritos a determinados meses do ano, como também o período temporal considerado é muito mais amplo do que aquele relativo à Ática, isto é, o autor considera os seguintes períodos: para a Tessália, os anos de 1911, 1926-36, 1955-56, 1959-80, com relação a Samos, os anos analisados seriam 1926-36, 1955-56, 1963-80. Sobre a cidade de Odessa, o autor não especifica os anos trabalhados, limitando-se apenas a mencionar que eles cobririam um total de cem anos. De imediato, estes dados sugerem algumas considerações por parte do pesquisador: há significativas diferenças temporais entre as regiões comparadas; falta uma maior precisão para os anos estudados em Odessa; falta também uma especificação dos meses do ano para as regiões de Odessa, Tessália e Samos. Se, por um lado, estas considerações sugerem uma certa dose de cautela nos resultados obtidos, por outro, nós acreditamos que os referidos dados podem servir para iluminar algumas questões.

A Ática apresenta um fracasso de 28% na sua produção de trigo, 5,5% na colheita da cevada e de 71% na produção de legumes secos. Estas perdas não representam, *a priori*, uma situação de anormalidade, já que, desde a Antigüidade, Atenas procurou compensar as suas quebras nas colheitas com a importação dos referidos produtos agrícolas. Em Samos, a quebra da produção de trigo e de cevada chega à casa de 50%, isto é, um em cada dois anos houve baixa na produção das respectivas culturas agrícolas. Os gregos localizados no Egeu costumavam recorrer, quase que regularmente, às regiões da Trácia e da Tessália para obter os grãos que lhes faltavam. O autor observa, no entanto, que as regiões de Odessa e da Tessália oferecem as seguintes características agrícolas para períodos temporais bem mais amplos: a primeira área apresenta uma produção deficiente de trigo na ordem de 46%, enquanto que na de cevada as

perdas chegam a 15%. Implica dizer, que Odessa, uma tradicional região exportadora de grãos, apresenta um impressionante quadro de fracassos na produção de trigo, seguido de uma média razoável de perdas em relação à cevada. A região da Tessália oferece também estatísticas consideráveis de fracassos agrícolas. Para os anos estudados, percebe-se um fracasso da ordem de 25% na produção de trigo, 10% na de cevada e 40% na de legumes. Estes dados sugerem que uma parte considerável dos cereais exportados da Tessália e da Trácia não eram produzidos necessariamente nestas regiões, em seus próprios territórios (GARNSEY, 1989: 10-16).

Explicitando ainda mais as constantes variações anuais das colheitas agrícolas no interior da península Balcânica, de uma forma geral, e no interior da Ática, de modo específico, seria oportuno analisar duas interessantes questões: a primeira refere-se ao quadro organizado mais acima pelo geógrafo Kendrew (ver item 1, *Tabela I*); enquanto que a segunda questão está relacionada com uma tabela comparativa proposta por Osborne (1987: 34) (ver, abaixo, *Tabela II*).

Como foi observado anteriormente, Kendrew estabelece um quadro das variações pluviométricas mensais para Atenas. Apesar das informações contidas neste quadro serem extremamente gerais, não sendo especificados, inclusive, os anos trabalhados, o único dado temporal mencionado seria um período de setenta anos, é possível estabelecer uma relação entre as variações pluviométricas e a produção agrícola. Com efeito, admitindo-se que o período de plantio e de colheita dos cereais e leguminosas na Grécia corresponda aos meses que vão de novembro a junho (HALSTEAD e JONES, 1989: 41-43; OSBORNE, 1987: 15) e que há necessidade de uma quantidade mínima de chuva para cada produto agrícola, Atenas, apesar destas condições, ao longo destes setenta anos, conseguiu produzir a cevada e o trigo, embora tenha fracassado na tentativa de obter as leguminosas.

A segunda questão levantada acima está relacionada à tabela comparativa elaborada por Osborne entre as regiões de Atenas, Eléusis e a cidade de Kavala, antiga Neápolis, localizada na costa norte do Egeu. Para os nossos propósitos, entretanto, interessará apenas as variações dos índices pluviométricos anuais das duas primeiras áreas mencionadas.

Tabela II — Índices Pluviométricos Anuais (IPA) em Atenas e Elêusis entre 1951 e 1960 (em mm)

Ano	Atenas IPA	Elêusis IPA
1951	346	361
1952	433	358
1953	560	427
1954	414	497
1955	548	740
1956	281	374
1957	305	433
1958	349	401
1959	216	280
1960	356	444
Média Anual	381	432

Houve, ao longo de todos os anos, chuva suficiente para garantir a produção da cevada nas duas regiões. Enquanto que Elêusis pôde produzir trigo durante nove anos, a exceção seria em 1959, Atenas teve comprometida a produção deste cereal nos anos de 1956 e 1959. Com relação à produção dos legumes, continuam a existir diferenças entre Atenas e Elêusis, haja visto que nos anos de 1951, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960 a primeira área não realizou qualquer tipo de colheita, enquanto que a segunda região registrou fracasso na obtenção de legumes nos anos de 1951, 1952, 1956, 1959. Não deve ser perdido de vista, por exemplo, que a distância média entre as duas regiões comparadas é de aproximadamente 20 km. Pode ser argumentado, obviamente, que os maiores índices pluviométricos para Elêusis, com relação a Atenas, devem-se ao fato da primeira ser banhada pelo mar, enquanto que a segunda não; porém, isto não é suficiente para explicar o porque de variações anuais tão bruscas nestes índices nas duas regiões consideradas.

Estas variações pluviométricas anuais e mensais, como foi observado anteriormente, eram do conhecimento do cidadão ateniense comum. Constata-se, porém, com relação ao proprietário rural absenteísta, que ele buscará superar as dificuldades na obtenção de produtos agrícolas, provocadas por estas constantes flutuações nos índices, adotando, sempre que possível, uma importante estratégia de sobrevivência, qual seja: a sua pro-

priedade fundiária seria caracterizada por pequenas frações de terra disseminadas ao longo de todo o território ático ou, até mesmo, em outras *póleis* (HAUSSOULLIER, 1979: 67; GUIRAUD, 1979: 393; FINLEY, 1985: 63; GARNSEY, 1989: 43-44, 48-49; GALLANT, 1991: 44). Esta estratégia permite que este tipo de proprietário rural goze dos diferentes micro-climas presentes no território ático, como nas demais regiões da península balcânica.

Os textos antigos e a epigrafia fornecem exemplos bastante significativos sobre este tipo de estratégia mencionada acima. Deve ser observado, através dos diferentes exemplos, que as propriedades fundiárias citadas estão localizadas nas melhores áreas para o desenvolvimento agrícola, muitas das quais, próximas de Atenas (CHEVITARESE, 1997: 263, mapa 4, v. 2).

Com relação aos textos antigos, os discursos dos oradores áticos constituem a principal documentação, condensando, basicamente, os exemplos conhecidos. Analisaremos, no entanto, apenas dois casos, evitando assim a repetição de situações.²

Identificamos, em Iseu, uma família ateniense como sendo proprietária de bens em diferentes partes do território ático. Ao longo do discurso que trata dos bens deixados em testamento por Hagnias II, bisneto de Bouselus, dono de uma das maiores riquezas conhecidas do mundo grego clássico, são mencionadas as propriedades de dois membros desta família, acompanhadas dos seus respectivos preços. De imediato, interessamos apenas a caracterização dos bens e sua distribuição espacial pelo território. O primeiro membro mencionado é Stratocles. Os seus bens seriam: um campo para cultivo agrícola em Thria (ἀγρὸν μὲν Θριᾶσι),³ uma casa em Melite e uma outra em Elêusis, 4000 dracmas emprestadas a juros, mobília (ἐπιπλα), ovelha, cevada (κριθάς), vinho (οἶνον), frutos (ὀπώπας), 9000 dracmas em sua casa, 1000 dracmas emprestadas sem juros. O orador menciona ainda, que Stratocles havia deixado para a filha de Theophon, irmão de sua mulher, um campo para cultivo agrícola em Elêusis (ἀγρον τὸν Ελευσίῃ), 60 ovelhas, 100 cabras, mobília (ἐπιπλα), um excelente cavalo (ἵππον λαμπρόν), mercadorias e bens móveis (κατασκευῆν ἄπασαν) (ISEU 11, 41-43).⁴ Algumas importantes observações podem ser feitas sobre os bens de Stratocles: os dois campos para o cultivo de produtos agrícolas mencionados estão localizados na planície eleusina, uma região extremamente fértil, própria para o desenvolvimento de cereais. Este cidadão possui duas casas, uma em Mélite, no interior de Atenas, e a outra em Elêusis, próxima, portanto, dos campos localizados neste *Dêmos* e em Thria. É mencionada a presença de rebanhos: as 60

ovelhas e as 100 cabras que Stratocles dá para a sobrinha de sua esposa, e também, as suas próprias ovelhas, que não são quantificadas. A julgar pelo número de animais que ele proporciona à filha de Theophon, o número de ovelhas de que ele dispunha não deveria ser tão pequeno. É bastante admissível supor a presença de pastores, possivelmente, escravos, para cuidar deste rebanhos, muito embora, eles não tenham sido mencionados.⁵ O orador lista a presença de cevada, vinho e frutos entre os bens de Stratocles. Certamente eles não deveriam ser em quantidades pequenas, já que a sua simples referência sugere estoques consideráveis. Infelizmente não temos como saber a proveniência destes produtos, se foram comprados ou produzidos no interior dos dois campos agrícolas mencionados, nem em que local eles seriam armazenados. O orador deixa transparecer ainda que Stratocles possuía um grande prestígio na *pólis*, devido, sem sombra de dúvida, à sua considerável fortuna, e ao fato de já ter ocupado o comando da cavalaria. A caracterização do tipo de cavalo que ele dá à sobrinha de sua esposa serve apenas para reforçar o seu alto *status* nesta sociedade (XENOFONTE. *O Chefe da Cavalaria* 1,9, 1,11-12, *As Rendas* 4,8; ARISTÓTELES. *A Política* 1289b 35-36, 1321a 8-13; TUCÍDIDES 6.12,2; ARISTÓFANES. *As Nuvens* 12-35, *A Paz* 135-39; HODKINSON, 1988: 63-64; SPENCE, 1993: 183, 191-93 e Apêndice 4).

O segundo cidadão mencionado é Theopompus, possivelmente o orador do discurso e parente de Stratocles (ISEU 11,44). Ele especifica os seus bens como sendo: uma propriedade fundiária em Oenoe (χωρίον ἐν Οἰνῶνῃ), uma propriedade fundiária (χωρίον) em Prospalta, uma casa em Atenas e uma propriedade rural ou uma fazenda (κλήρος) deixada por Hagnias.⁶ A localização da primeira propriedade fundiária mencionada deve ser na planície de Maratona, uma área adequada para o plantio de cereais, e não na região fronteiriça da Ática com a Beócia, tendo em vista que existem dois distritos áticos com o nome de Oenoe. A determinação da sua localização nesta pequena planície poderia ser feita, a partir do valor de 5.000 dracmas que o próprio orador atribui à sua propriedade. Como se trata de uma quantia considerável para uma propriedade fundiária, seria extremamente lógico situá-la numa região afastada de conflitos fronteiriços. A sua segunda propriedade estava localizada na planície da Mesogéia, uma área também propícia para o desenvolvimento da cultura agrícola. Sobre a relação de Prospalta com a agricultura, há um forte indício no discurso (ISEU 11,49), quando é mencionado que Chaereleos possuía também um χωρίον neste *Dêmos*, o qual não produzia mais do que (ὁ πλεόν οὐκ ἂν εὔροι) 30 minas. Sobre o seu κλήρος, recebido por herança de Hagnias, se em Iseu não é especificada a sua localização, no

discurso *Contra Macártato*, no *corpus* de Demóstenes, é fornecida possivelmente a sua localização. O orador informa que a propriedade de Hagnias estava localizada em Araphen, um *Dêmos* da costa oriental, da tribo Aegeis (DEMÓSTENES 43,70). Enquanto que em Iseu a propriedade fundiária que Theopompus herda de Hagnias é descrita como sendo um κληρος, em Demóstenes ela aparece, num primeiro momento, como sendo ὁ γὰρ ἦν πλείστου ἄξιον ἐν τοῖς χωρίοις (propriedades fundiárias de grande valor) (DEMÓSTENES 43, 69) e, posteriormente, como sendo ἀγρός e/ou κληρος (DEMÓSTENES 43, 70). O orador procura mostrar o quanto estas terras eram valorizadas e as suas grandes dimensões, no momento em que diz que Theopompus arrancou mais de 1000 oliveiras delas (DEMÓSTENES 43, 69).⁷

Deve ser observado, nos dois casos citados, isto é, tanto em Stratocles, quanto em Theopompus, que a distribuição espacial dos bens ao longo do espaço territorial ateniense é uma característica marcante.

Um outro importante exemplo da fragmentação dos bens dos cidadãos atenienses, pelo menos daqueles mais ricos, é revelado pelo orador Ésquines (1,97, 1,101). Trata-se, neste caso, dos bens de Timarco. Ele possuiria uma casa em Atenas, uma terra marginal que poderia ser cultivada (ἐσχατία)⁸ em Sphettos, uma propriedade fundiária (χωρίον) em Alopeke, uma propriedade fundiária (χωρίον) em Kephisia e uma outra em Amphitrope. Quando situadas no espaço territorial as terras de Timarco, constata-se o quanto elas eram dispersas. O *Dêmos* de Sphettos fazia parte da planície da Mesogeia, como observado anteriormente, uma região apropriada à cultura de cereais; o *Dêmos* de Alopeke era extremamente próximo da *ásty*, onde o referido cidadão tinha uma casa; Kephisia estava localizado na planície superior de Atenas; enquanto que Amphitrope estava localizado no sudeste da Ática, bem próximo de Tóricos, um *Dêmos* situado na região mineradora, onde ele possuía duas oficinas que trabalhavam com a prata.

Deve ser observado, nos exemplos citados, isto é, tanto com Stratocles e Theopompus, quanto com Timarco, que a distribuição espacial dos bens é uma característica marcante, implementando uma importante estratégia de sobrevivência, através da adequação das propriedades fundiárias áticas às constantes variações anuais e mensais pluviométricas.

A epigrafia proporciona também um número significativo de exemplos, reforçando uma possível relação existente entre fragmentação ou dispersão da propriedade fundiária em diferentes partes do território ático e as bruscas variações nos índices anuais e mensais pluviométricos.

As estelas relacionadas com os Hermacópidas, publicadas entre 415-14, listam um conjunto de nomes de cidadãos ricos condenados que tiveram seus bens confiscados e, posteriormente, vendidos no interior de Atenas. Deve ser observado, contudo, que as propriedades confiscadas não foram vendidas de uma só vez, implicando, com isto, que os bens listados nas estelas não constituiriam a totalidade das propriedades que o referido cidadão deveria possuir (OSBORNE, 1991: 51). Iremos observar, da mesma forma que nos textos antigos, que a fragmentação dos bens é uma característica marcante. Analisaremos, apenas, alguns dos nomes de atenienses contidos nas estelas, evitando assim a repetição de situações semelhantes.

1º) *Phérecles de Themakos* (PRITCHETT, 1953: 272-73 — estela VI. 93-107; OSBORNE e BYRNE, 1994: 445; GLOTZ, 1946: 220). Os seus bens seriam compostos de: uma casa e uma propriedade fundiária (χορίον) em Bate, uma propriedade fundiária (χορίον) em Lan[...], uma propriedade fundiária (χορίον) em Píthion, um terreno para a construção de uma casa (οἰκόπεδον) em Píthion, uma propriedade fundiária (χορίον) em Herákleon, metade de um terreno montanhoso coberto por árvores (ὄργας) em Píthion e metade de um terreno montanhoso (ὄργας) coberto por árvores em Kikále. Bailly, no seu dicionário, procura definir ὄργας como sendo uma terra fértil, consagrada a Deméter e Perséfone, situada entre Atenas e Mégara (BAILLY, 1950: 1396). Da mesma forma, Osborne (1991: 51), apesar de não fornecer nenhum dado concreto, procura situar os bens de Phérecles de Themakos como sendo muito próximos da *ásty*. Deve ser observado, no entanto, que das diferentes áreas mencionadas na estela, a única possível de ser identificada com segurança é a de Bate, localizada na planície inferior de Atenas (*Ibid.*: 199).

2º) *Euphiletos de Kydathenaion* (PRITCHETT, 1953: 272-73, 288 — estelas VI. 88-90 e X. 14-18; OSBORNE e BYRNE, 1994: 188; GLOTZ, 1946: 220; OSBORNE, 1987: 22). Os seus bens estão assim listados: uma casa (οἰκία) sem a referida localização, uma casa (οἰκία) em Semáquidas, uma propriedade fundiária (χορίον) em Gargeto, uma propriedade fundiária (χορίον), uma casa (οἰκία) e um jardim (κῆπος) em Mirrinonte, uma propriedade fundiária (χορίον) em Aphidna, uma casa em (ou) próxima da *ásty*, talvez no próprio distrito urbano de Kydathenaion. É possível observar, a partir das localizações fornecidas, que os seus bens estavam localizados entre o norte da Mesogéia (Gargeto e Mirrinonte) e o nordeste de Atenas (Semáquidas e Aphidna).

3º) *Axiochos de Skambonidai* (PRITCHETT, 1953: 263, 273, 281, 288-89 — estelas IV. 10 e segs., VI. 118, VII. 46, X. 6, 8, 22, 30;

OSBORNE e BYRNE, 1994: 41; OSBORNE, 1987: 22). As estelas apresentam o seguinte conjunto de bens: uma casa de muitas famílias (συνοικία) sem a referida localização, uma propriedade fundiária em Tho[...],⁹ três casas no campo. Destas, duas associadas com vinhedos (ἀμπέλων οἰκία ἐν τῷ ἀγρῷ) e a outra podendo estar situada fora da Ática (οἰκία ἐν τῷ ἀγρῷ [...] ὅσται ἐν' Αβύδοι),¹⁰ aquinhoadas com colheitas recebidas de uma terra fora da *pólis* ateniense.¹¹

4º) *Panáitios de Aphidna* (PRITCHETT, 1953: 252, 272 — estelas II.170-71, VI.63-73; OSBORNE e BYRNE, 1994: 358; OSBORNE, 1987: 22). Da mesma forma que no exemplo acima, os bens de Panáitios não irão aparecer relacionados com regiões específicas do território ático. É possível, no entanto, perceber a existência de propriedades fundiárias associadas com escravos, produtos e animais agrícolas. As estelas listaram os seguintes bens deste cidadão: venda do escravo condutor de burro;¹² venda de vinho advindo da sua terra (οἶνο ἀμφορῆς); venda de dois bois de uma segunda terra (βόε ἐργάτα δύο ἐν' Ατ[...]); venda de 6 bois com suas crias (βόε δύο (vacat) βόες τέτταρες καὶ μόσχοι); 84 ovelhas com suas crias; e 67 cabras com suas crias de uma terceira terra (πρόβατα ΔΔΔΙΙΙΙ καὶ ἔκγονα τούτων αἴγες ΔΓΠ καὶ ἔγγον [α τούτων]).

Phérecles de Themakos, Euphiletos de Kidathenaion, Axíochos de Skambonidai, Panáitios de Aphidna, como os demais cidadãos condenados, demonstram um forte envolvimento com o espaço rural e com a agricultura, reforçando uma característica bastante comum dos próprios gregos, em geral, e dos atenienses, em particular.

Um outro importante conjunto epigráfico, denominado *Rationes Centesimarum* (LEWIS, 1973: 187-212; LAMBERT, 1997), demonstra que não apenas o cidadão, mas, também, as diferentes organizações *poliades*, podem ter as suas terras fracionadas ao longo do território. O referido conjunto epigráfico, composto de 16 fragmentos pertencentes provavelmente à 4 estelas, foi publicado na segunda metade do quarto século (Lambert (1997: 213-17) sugere a seguinte datação: 346-40 (estelas 1 e 2) e 330-20 (estelas 3 e 4); Lewis (1973: 191) situa o conjunto epigráfico entre 330-20) e está relacionado com a venda propriedades de aproximadamente 150 a 200 organizações áticas, produzindo rendas para manter as suas múltiplas atividades (LEWIS, 1973: 197; LAMBERT, 1997: 213). Apesar do estado bastante fragmentário, restando apenas a descrição de 92 propriedades de um total de 400 a 600 vendas originalmente registradas, é possível identificar seis tipos básicos de propriedades nas estelas: 60 (53 confirmados e 7 possíveis) χωρίον, 22 (21 confirmados e 1 possível) εσχατία, 8 (4 confirmados e 4 possíveis) χωρίον καὶ οἰκία, 1 (con-

firmado) χωρίον καὶ οἰκόπεδον, 1 (confirmado) κῆπος (LAMBERT, 1997: 225-29). Observa-se, em algumas situações, que o comprador dos bens colocados à venda não pertence ao *Dêmos* onde está localizada a respectiva propriedade. Analisemos estas situações (ver TABELA III):

Tabela III — O Dêmos do Comprador sendo Diferente da Localização da Propriedade Adquirida

Classificação		Propriedade	Localização	Dêmos do Comprador
Lewis	Lambert			
col. II 1601 (11)	F6B, 37-39	cwrivon	Sphettos	Aphidna
col. I 1594 (12)	F7A, 15-16	ἔσχατία	Besa	Halai
1594 (12)	F7A, 17-22	ἔσχατία	Poros	Halai
1594 (12)	F7A, 17-22	ἔσχατία	Poros	Halai
1598 A (19)	F9B, 4-5	χωρίον	Phaleron	Xipte
1596 A (19)	F9B, 6-8	χωρίον	Phaleron	Pireu
1596 A (20)	F9B, 15-17	χωρίον	Phaleron	Pireu
1596 A (21)	F9B, 18-22	χωρίον	Phaleron	Sipalartos
1602 A (25)	F7B, 15-19	ἔσχατία	Aphidna	Kolono
1602 A (25)	F7B, 15-19	ἔσχατία	Aphidna	Kolono
1597 (38)	F16A, 11-14	ἔσχατία	Kephale	Cerâmico ou Ked[oi]
3771 (41) (42)	F11B, 2-6	χωρίον	Lousia	Acarnes
1596 (46)	F13B, 9-13	χωρίον	Anaphlistos	Sounion
1597 (47)	F16B, 1-2	χωρίον	Acarnes	Azenia
Ag. I 3771 (49)	F11A, 1-4	ἔσχατία	Phlia	Lampra
1596 (52)	F13A, 5-9	ἔσχατία	Alopeke	Atene ou Aphidna]
1596 (53)	F13A, 12-16	χωρίον	Salamina	Oion

Pode ser observado, em todas estas situações, que uma das formas possíveis do cidadão ampliar o seu patrimônio territorial seria através da compra de terras em outros *Dêmoi* diferentes daquele de sua origem. Esta característica também pode ser observada com relação às organizações *pollades* (LEWIS, 1973: 192). A estela denominada 1598B (16) (classificação de Lewis) ou F9A, 1-16 (classificação de Lambert), apesar do seu estado bastante fragmentário, mostra uma determinada organização (cujo nome não está especificado, porém os nomes de quase todos os compradores estão disponíveis através de reconstituição) colocando à venda sete propriedades fundiárias (χωρία). É possível identificar apenas quatro dos sete *Dêmoi*, mesmo assim, através de um difícil trabalho de reconstituição dos nomes das localidades. Estas propriedades estariam situadas em Krió[a] (?), Ech[elidai] (?), Ana[-] (?), Am[phitrope] (?). Das localidades citadas,

apenas Amphitrope pode ser localizada territorialmente, estando situada no sudeste da Ática. O *Dêmos* de Krióa tem a sua existência confirmada em Aristófanes (*Os Pássaros* v. 645; sobre a associação da comédia de Aristófanes e o referido *Dêmos*, ver: HAUSSOULLIER, 1979: 196-200; WHITEHEAD, 1986: 210, nota 199). A sua localização, porém, é incerta (OSBORNE, 1991: 200). O *Dêmos* de Echelidai é desconhecido.

A documentação textual e epigráfica não deixam dúvidas quanto à constituição fragmentária das propriedades rurais dos cidadãos atenienses absenteeistas e, inclusive, de, pelo menos, uma organização *poliade*. Elas estão disseminadas em diferentes partes ao longo do território ático e, até mesmo, em outras *póleis* gregas. Esta última situação deve ser inserida no plano da excepcionalidade, já que se trata de um processo anômalo no mundo antigo grego, sendo gerada pela construção do império no quinto século. No momento em que esta estrutura desapareceu, no final da guerra do Peloponeso, a presença de cidadãos atenienses, donos de terras no exterior, deixará também de existir.

As diferentes partes que caracterizam uma grande propriedade fundiária na Ática seriam o resultado de casamentos entre membros de famílias ricas, de heranças e da compra de terras. Todas estas práticas reforçariam aquele objetivo do cidadão rico de ocupar e explorar as melhores terras ao longo do território *poliade*, participando, assim, dos diferentes tipos de micro-climas existentes na Ática. Através da adoção desta estratégia, o proprietário fundiário absenteeista consegue diminuir os riscos provocados pelas bruscas variações mensais e anuais pluviométricas, tão comuns na Ática.

Obras de referência

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachett, 1950.

OSBORNE, M. J. e BYRNE, S.G. (ed.). *A Lexicon of Greek Personal Names*. v. II. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Documentação textual

AESCHINES. *Discourses*. London: William Heinemann, 1988.

ARISTOPHANE. *Les Nuées*. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

ARISTOPHANE. *La Paix*. Paris: les Belles Lettres, 1985.

ARISTOPHANE. *Les Oiseaux*. Paris: Les Belles Lettres, 1977.

ARISTOTE. *Météorologiques*. 2 v. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

- ARISTOTE. *Politics*. London: William Heinemann, 1959.
- ARISTOTE. *Constitution d'Athènes*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- DEMOSTHENE. *Private Orations*. v. 4-5. London William Heinemann, 1984/1990.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History*. v. 4-8. London: William Heinemann, 1970/1976-1977/1980/1983.
- DIOGENES LAERCIO. Platón. In: *Biografos Griegos*. Madrid: Aguilar, 1973, pp. 1197-1217.
- ISAEUS. *Discourses*. London: William Heinemann, 1983.
- LYSIAS. *Discourses*: London: William Heinemann, 1983.
- MENANDER. *Dyskolos*. v. 1. London: William Heinemann, 1983.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. v. 1. London: William Heinemann, 1992.
- PLATO. *Critias*. v. 9. London: William Heinemann, 1989.
- PLUTHARCH. *Themistocles*. v. 2. London: William Heinemann, 1968.
- TEOFRASTO. *Os Caracteres*. São Paulo: E.P.U., 1978.
- THUCYDIDE. *History of the Peloponnesian War*. v. 1-4. London: William Heinemann, 1991/1988/1992/1976.
- XÉNOPHON. *Scripta Minora*. London: William Heinemann, 1971.
- XÉNOPHON. *Hellenica*. v. 1-2. London: William Heinemann, 1985-1986.

Bibliografia

- AMOURETTI, M.-C. *Le Pain et l'Huile dans la Grèce Antique*. Besançon: Annalles Littéraires de l'Université de Besançon, 1986.
- ANDREWES, A. *Greek Society*. 6. ed. Middlesex: Penguin, 1984.
- BRULÉ, P. *La Cité Grecque à L'Époque Classique*. Rennes: Les Presses Universitaires, 1994.
- BRUMFIELD, A. C. *The Attic Festival of Demeter and their Relation to the Agriculture Year*. Salem — New Hampshire: Ayer, 1981.
- BURFORD, A. *Land and Labor in the Greek World*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1993.
- CHEVITARESE, A. L. *Arqueologia, Antropologia e História Rural da Ática no Período Clássico*. 2 v. Tese de Doutorado / Universidade de São Paulo, 1997.

- EASTERLING, P. E. e KNOX, B. M. W. *The Cambridge History of Classical Literature*. v. 1, part 3. Cambridge University Press, 1989.
- FINLEY, M. I. *A Economia Antiga*. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1986.
- _____. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *Studies in Land and Credit in Ancient Athens 500-200 BC. The Horos — Inscriptions*. New Brunswick: Transaction Books, 1985. (1951)
- _____. (ed.). *Problèmes de la Terre en Grèce Ancienne*. Paris: La Haye, 1973.
- GALLANT, T. W. *Risk and Survival in Ancient Greek. Reconstructing the Rural Domestic Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- GARNSEY, P. *Famine and Food Supply in the Graeco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- GLOTZ, G. *A Cidade Grega*. Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- _____. *História Económica da Grécia*. Lisboa: Cosmos, 1946.
- GUIRAUD, P. *La Propriété Foncière en Grèce jusqu'à la Conquête Romaine*. New York: Arno Press, 1979. (1893)
- HANSEN, M. H. *The Athenian Ecclesia. A Collection of Articles 1976-83*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 1983.
- HALSTEAD, P., JONES, G. Agrarian Ecology in the Greek Island: Time Stress, Scale and Risk. In: *Journal of Hellenic Studies* 109: 41-55, 1989.
- HAUSSOULLIER, B. *La Vie Municipale en Attique*. New York: Arno Press, 1979. (1883)
- HODKINSON, S. Animal Husbandry in the Greek Polis. In: WHITTAKER, C. R. (ed.). *Pastoral Economies in Classical Antiquity*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 1988. pp. 35-74.
- ISAGER, S., SKYDSGAARD, J. E. *Ancient Greek Agriculture: An Introduction*. London: Routledge, 1992.
- JAMESON, M. H. Sacrifice and Animal Husbandry in Classical Greece. In: WHITTAKER, C. R. (ed.). *Pastoral Economies in Classical Antiquity*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 1988. pp. 87-119.

- JARDÉ, A. *Les Céréales dans l'Antiquité Grecque*. Paris: de Boccard, 1979. (1925)
- KENDREW, W. G. *The Climates of the Continents*. Oxford: Clarendon Press, 1961.
- LAMBERT, S. D. *Rationes Centesimarum. Sales of Public Land in Lykourgan Athens*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1997.
- LEWIS, D. M. The Athenian *Rationes Centesimarum*. In: FINLEY, M. I. (ed.). *Problèmes de la Terre en Grèce Ancienne*. Paris: La Haye, 1973. pp. 187-212.
- LONIS, R. *La Cité dans le Monde Grec*. Paris: Nathan, 1994.
- MAFFRE, J.-J. *A Vida na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- MURAIAMA, S. J. *Cultura da Oliveira no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- OBER, J. *Fortress Attica. Defense of the Athenian Land Frontier*. Leiden: E. J. Brill, 1985.
- OSBORNE, R. *Classical Landscape with Figures. The Ancient Greek City and Its Countryside*. London: George Philip, 1987.
- OSBORNE, R. *Demos: The Discovery of Classical Attika*. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- PRITCHETT, W. K. The Attic *Stelai* — Part I. In: *Hesperia* 22: 225-299, 1953.
- PRITCHETT, W. K. The Attic *Stelai* — Part II. In: *Hesperia* 25: 178-317, 1956.
- RACKHAM, O. Ancient Landscapes. In: MURRAY, O., PRICE, S. (ed.). *The Greek City. The Homer to Alexander*. Oxford: Clarendon Press, 1991. pp. 85-111.
- SALLARES, R. *The Ecology of the Ancient Greek World*. London: Duckworth, 1991.
- SKYDSGAARD, J.E. Transhumance in Ancient Greece. In: WHITTAKER, C. R. (ed.). *Pastoral Economies in Classical Antiquity*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 1988. pp. 75-86.
- SPENCE, I. G. *The Cavalary of Classical Greece. A Social and Military History*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- SNODGRASS, A. M. *An Archaeology of Greece. The Present State and Future Scope of a Discipline*. California: University of California Press, 1987.

- TREWARTHA, G. T. *The Earth's Problem Climates*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1962.
- WEEBER, K.-W. *Smog sull'Attica. I Problemi Ecologici nell'Antichità*. Milano: Garzanti, 1991.
- WHITEHEAD, D. *The Demes of Attica 508/7 — 250 B. C.*. New Jersey: Princeton University Press, 1986.
- WHITTAKER, C. R. (ed.). *Pastoral Economies in Classical Antiquity*. Cambridge: The Cambridge Philological Society, 1988.
- WOOD, E. M. *Peasant-Citizen and Slave. The Foundations of Athenian Democracy*. London & New York: Verso, 1989.

Notas

¹ Sobre o significado do termo camponês, tal qual eu aplico neste artigo, ver: Finley (1986: 142-148); Garnsey (1989: 44-47); Gallant (1991: 4-5); Wood (1989: 54-55); quanto às importantes garantias que, historicamente falando, somente a democracia ateniense proporcionou aos camponeses, ver: Wood (1989: 126-172).

² Para os demais casos não analisados, ver: DEMÓSTENES 50, 8, onde o orador menciona a existência de bens em três *Dêmoi* diferentes; *Lísias* 7, 24, onde o orador relaciona a existência de outras propriedades (*χωρῖοις*) na planície, além daquela em que ele está sendo acusado de ter retirado oliveiras sagradas. Sobre as terras de Platão em Iphistiadai, na planície superior de Atenas, e em Eiresidai, na planície inferior de Atenas, ver: DIÓGENES DE LAÉRCIO 3.1.21.

³ Quanto a tradução da palavra *ἀγρός* por campo para cultivo de produtos agrícolas no espaço rural, ver: PRITCHETT, 1956: 269.

⁴ Quanto a possibilidade de associar estas propriedades fundiárias como unidades agro-pastoris, ver: HODKINSON, 1988: 35-74; JAMESON, 1988: 100; para uma crítica quanto a tentativa de ver uma simbiose entre a criação de animais e agricultura na antiga Grécia, ver: SKYDSGAARD, 1988: 75-86.

⁵ Observa-se, algumas vezes, que pastor escravo e rebanho estão tão entrelaçados que, no caso da venda (ou de roubo) do segundo, o primeiro o acompanharia, ver: ISEU 6.33; DEMÓSTENES 47.52. Ver também: BURFORD, 1993: 221.

⁶ Quanto a tradução da palavra *χωρῖον* por propriedade fundiária, ver: PRITCHETT, 1956: 269.

⁷ Muito embora seja possível estabelecer cálculos hipotéticos sobre o tamanho mínimo e máximo da propriedade fundiária de Theopompus, limitaremos a fornecer os dados envolvendo os espaçamentos entre as oliveiras. Ele varia de acordo com a qualidade do solo. No caso do solo pouco profundo, a distância entre as árvores pode chegar até a 24 x 24 m. No caso do solo ser permeável, com uma

pluviosidade excedendo 700 mm, pode-se ter um afastamento de 6 x 6 m a 8 x 8 m, com uma densidade de 200 a 250 árvores por hectare. Este último dado parece ser o máximo em uma cultura seca mediterrânica, não considerando obviamente a possibilidade de irrigação (AMOURETTI, 1986: 26). O espaçamento entre as oliveiras no Brasil está mais próximo daquele máximo fornecido acima, qual seja: 10 x 10 m (MURAIAMA, s/d.: 11).

⁸ Sobre o significado do termo *ἐσχάτια*, ver: OSBORNE, 1985: 20-21; ISAGER e SKYDSGAARD, 1992: 72, 79; BURFORD, 1993: 80.

⁹ Este último dado é fornecido por OSBORNE, 1987: 22, porém, eu não consegui identificá-lo nas estelas.

¹⁰ Abidos, Helesponto? As estelas mencionam, entre os bens dos cidadãos condenados, a presença de propriedades no exterior, ver: Adeimantos de Skambonidai — estela VI. 55-56, *oikia e agrós* em Thasos. Esta propriedade estava relacionada com o vinho (estela VI. 57-60); Nikides de Melite — estela IV. 20-21, *oikia* (com porta) no *chorion* na Eubéia; há uma outra referência de uma propriedade fundiária em Thasos — estela VI. 133, cujo nome do proprietário é desconhecido.

¹¹ Muito embora Osborne (1987: 22.) tenha fornecido este dado, eu não consegui identificá-lo nas estelas.

¹² Este dado é fornecido por Osborne (1987: 22). Não consegui localizá-lo, uma vez mais, nas estelas.